



A Amazônia não deve permanecer intocada: essa a sugestão de Paulo de Tarso Alvim, do Ceplac, um dos maiores especialistas em agricultura tropical, numa entrevista exclusiva a O Estado

Um modelo contra os "mitos" da Amazônia

Paulo de Tarso Alvim, diretor técnico-científico da Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac), pode ser considerado um dos maiores especialistas em agricultura tropical do Continente sul-americano, após 25 anos de experiência nesse setor. Ele tem visitado com frequência a região amazônica, a respeito da qual já produziu estudos apresentados e discutidos em reuniões nacionais e internacionais.

Suas idéias são polêmicas. Ele acha que a Amazônia pode e deve ser incorporada o quanto antes ao processo de expansão da fronteira agrícola, tanto por sua extensão territorial como por sua excepcional produtividade biológica. Para ele, a Amazônia não deve permanecer intocada, como uma gigantesca e improdutiva reserva natural, pois a preservação da fauna e da flora não implicaria o abandono dos recursos passíveis de serem transformados em riqueza e bem-estar para a população.

Várias de suas opiniões poderão parecer heréticas, principalmente aos ecólogos mais apaixonados — aos quais ele critica com dureza, nessa entrevista ao Estado. Aqui, ele tenta derrubar o que chama de "mitos" sobre a Amazônia e sugere vários "modelos" para a sua ocupação. Entre eles, o cultivo em grande escala de culturas perenes, como cacau e dendê, e o abandono dos improdutivos lotes agrícolas ao longo da Transamazônica, aonde até hoje milhares de pequenos agricultores suportam os erros de uma colonização desconhecida e sem planejamento.

Dr. Alvim: por que, na sua opinião, a Amazônia se tornou motivo de polêmica no mundo inteiro?

A Amazônia tem despertado esse interesse devido ao desenvolvimento dos movimentos conservacionistas. Os ecólogos, infelizmente, têm falado mais do que os agrônomos.

A opinião dos ecólogos tem prevalecido sobre a dos agrônomos?

Como se dá mais importância às idéias dos naturalistas, é natural que eles tenham talvez exagerado um pouco nos seus argumentos contra a utilização da Amazônia. Não se pode dizer que a Amazônia não presta para nada, devido à pobreza do seu solo.

Mas o sr. próprio já disse que a Amazônia não possui muitas terras férteis.

O que não significa que sejam improdutivas. A Amazônia tem vários tipos de terras e talvez existam uns 10 milhões de hectares férteis, que podem ser cultivados por sistemas tradicionais. Mas totalmente inaproveitáveis por motivo de relevo, de má drenagem, talvez não existam nem 30 por cento. Está-se formando no Brasil a idéia de que a Amazônia é totalmente improdutiva e não vale a pena tocá-la. Os que mais fazem propaganda dessa idéia são quase sempre esses visitantes que passam alguns dias conosco, fazem algumas observações e saem por seus países falando grosso, como se tivessem tido oportunidade de realizar profundas pesquisas sobre o problema amazônico. Há uma maneira de usar o solo tropical racionalmente, e quem du-

vidar disso, por favor, compre uma passagem para a Malásia e veja o que estão fazendo lá.

Estão fazendo o quê?

É um país com 325 mil quilômetros quadrados, mais ou menos o tamanho do Maranhão, com uma exportação de seis bilhões de dólares, ou seja, a metade da exportação do Brasil. A Malásia tem os mesmos climas da Amazônia, os mesmos solos pobres, mas estão nos dando uma lição de agricultura.

A que se deveria essa confusão sobre os problemas da Amazônia?

Acho que o brasileiro está sofrendo de uma doença que eu gostaria de chamar de masoquismo ecológico. Essa história, por exemplo, de que a remoção da floresta transformaria a Amazônia num deserto é um exagero.

O que se diz, porém, é que o desmatamento pode transformar a Amazônia num deserto.

Vamos raciocinar com calma. A desertificação só tem comprovação científica nas regiões semiáridas, não como fruto da diminuição da chuva, mas da degradação do solo. Eu desafio qualquer pessoa a me mostrar dados comprobatórios de que a remoção da floresta tenha alterado o clima de alguma região.

O solo da Amazônia não poderia se degradar?

Esse é o grande drama, que pode ocorrer em qualquer lugar do mundo. Com esse debate mal conduzido sobre a situação da Amazônia, essa discussão em torno de mitos, nós estamos desviando a atenção do problema real, que é a degradação do solo.

A pecuária, na Amazônia, poderia conduzir à degradação do solo?

Se não for bem conduzida, a pecuária produz desastre em qualquer lugar do mundo. Mas a pecuária é possível, desde que firmada em tecnologia própria, com um bom manejo, e nunca nas terras férteis da Amazônia, mas nos oxissols, de baixíssima fertilidade.

Os pecuaristas que se instalaram na Amazônia estão explorando racionalmente essa atividade?

Alguns deles, sim.

A maioria ou a minoria?

Bom, eu acho que talvez seja a minoria. Eu não posso falar com absoluto conhecimento de causa. Estou defendendo informações de colegas que trabalham na área mais diretamente. O perigo maior sério é que a pecuária mal conduzida destrói a floresta e se torna um investimento que se faz com sacrifício e para nada.

A que o sr. atribui esse irracionalismo? A falta de acesso à informação tecnológica ou à falta de recursos?

Bem... Talvez tivesse havido uma precipitação nos primeiros planos de ocupação. Admito que tenha havido no passado falta de disciplina e muita vontade de fazer as coisas depressa para aproveitar os incentivos fiscais. Talvez os incentivos fossem liberados com excesso de generosidade...

Temos visto trabalhos de cientistas falando em grande destruição, em desmatamentos brutais.

Tem havido muito exagero. Cita-se muito o trabalho do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o Inpe, com base nas fotografias do

satélite Landsat, como demonstrando a existência de grandes clareiras na Amazônia. Há muita confusão nisso, porque as fotografias do Landsat provam justamente o contrário.

O contrário?

Sim. Provam que a devastação é muito pequena, quase inexpressiva em relação ao que se diz. Revelam que a devastação equivale a um por cento da superfície amazônica. Acredito que deva ser mais, talvez uns dois ou três por cento do total.

Os ecólogos dizem que é mais.

Mas na verdade não temos os números. É muito bom que se faça essa Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Amazônia, porque isso certamente vai aparecer. Eu acho que a ecologia teve o mérito de despertar a humanidade para a conservação do meio ambiente, mas, por outro lado, ela causou confusão.

A degradação do solo, pode ser evitada, ou pelo menos controlada?

Claro. Nós temos de ensinar o brasileiro a respeitar o solo. Essas teorias estapafúrdias sobre as consequências catastróficas do desmatamento confundem a mocidade e desviam a atenção dos problemas reais. Você vê que todo mundo está sendo enganado, e sofrendo — sem razão — com a situação da Amazônia.

Isso não seria uma consequência do desconhecimento da Amazônia? Não seriam necessárias, portanto, mais pesquisas sobre a região, e sua sistemática divulgação, para a informação da comunidade?

Precisamos de mais pesquisas, claro, mas o que já conhecemos permite concluir que não podemos perder tempo alimentando os mitos que se criaram.

Mas como a Amazônia poderia ser protegida?

Eu acho que é preciso ter precauções, mas não vamos tomar medidas muito drásticas, como querem os ecólogos. Muita gente é completamente contra a formação de florestas ou plantações homogêneas. Ora, não se pode fazer agricultura sem mudar a fauna e a flora, mas para a fauna e a flora nós temos de fazer reservas. O problema é que nós não estamos fazendo essas reservas.

E quanto às florestas homogêneas?

Temos de aceitá-las, porque elas são muito mais rentáveis que as heterogêneas.

A Amazônia é um paraíso para a exploração de madeira. É a maior fábrica de celulose do mundo, e o brasileiro parece que não sabe disso. Temos, é claro, de conservar muita coisa, para manter o equilíbrio. Defendo a criação de grandes reservas em áreas estratégicas, representativas do sistema amazônico. Evidentemente, se forem removidas as florestas numa área muito grande, não vai mudar o clima, mas vai mudar o curso dos rios, pode haver assoreamento dos rios, que vão tornar-se mais ralos.

Até que ponto conhecemos a Amazônia para ter a segurança de tocá-la?

Acho que os modelos que temos de exploração da Amazônia não são muitos, e não podem ser aplicados para toda a Amazônia.

Quando eu faio em programa para o cacau, por exemplo, eu estou falando em programa que ocuparia 200 mil hectares em toda a região, o que significa um ponto na Amazônia. Então nós não temos muitos modelos para ocupar toda a Amazônia. Talvez não seja necessário. Eu acho que se nós ocupássemos 10% da Amazônia com esses modelos prontos, já estaríamos realizando bastante. Mas a maior vocação da Amazônia, evidentemente, é a floresta.

E é exatamente essa vocação florestal que desperta mais polêmica.

Tem havido um "pouco de mito, que contraria uma política florestal inteligente. De vez em quando aparecem uns malucos dizendo: "Não se pode plantar planta estrangeira, só planta nacional". É um absurdo essa xenofobia vegetal. O Brasil enriqueceu às custas do café, que é estrangeiro, e a África pode enriquecer com o cacau brasileiro. A transferência de plantas é uma das técnicas válidas de economia.

Até agora, entretanto, os estudos a respeito da floresta amazônica tem sido precários ou, pelo menos, insuficientes.

Realmente, as pesquisas ainda são muito preliminares, insuficientes para

que se trace uma política florestal segura. Mas o governo está consciente disso, e, pelo que eu entendo, nos últimos meses a pesquisa florestal foi transferida para a Embrapa. Não está mais entregue ao IBDF. Mas eu acho que o assunto é tão importante que devia ter um centro específico só para estudar a floresta amazônica. Um Centro Nacional de Terras Tropicais.

O que se diz é que a floresta amazônica é tão desconhecida que não se pode saber sua reação, diante mesmo dessa exploração dita racional, mas sem o suporte de pesquisas profundas.

Não é preciso conhecer profundamente a floresta amazônica para traçar um modelo de exploração florestal com florestas homogêneas.

Quais seriam as prováveis consequências para o meio ambiente?

Existe um livro muito bom sobre esse assunto, feito por um grupo de trabalho do qual participei, durante uma reunião na Costa Rica. Dessa reunião saiu esse livro, *Soft Systems* (Sistemas Frágeis), conhecido no mundo inteiro. Ele dá as normas ecológicas de utilização de zonas tropicais. Prevê inclusive as alterações que podem surgir em consequência da interven-

ção humana. Seria um serviço traduzir esse livro e distribuir nas escolas, pois a ecologia está se popularizando de uma forma que eu considero equivocada. A ecologia não está sendo levada a sério no Brasil.

Não há nenhum ecólogo brasileiro fazendo pesquisas sérias nessa área?

Se há, eu não conheço. Há os que falam sem ter conhecimento científico. Existe um programa internacional, promovido pela Unesco, chamado "O Homem e a Biosfera", que deve ter seu comitê em todos os países do mundo. No Brasil esse programa foi entregue ao Itamaraty e não se fez absolutamente nada. Eu faço parte desse comitê, mas ele está morto. Deveria estimular pesquisas ecológicas no Brasil e oficialmente já está instalado, mas não funciona.

E a Transamazônica, dr. Alvim?

Eu acho que o saldo foi positivo, apesar dos erros. Seria preferível que a Transamazônica tivesse tido um traçado de acordo com a capacidade de sustentação da terra. Não adianta distribuir agricultores por zonas isoladas, de solos pobres, porque aí eles vão fazer a velha agricultura itinerante, que não traz riqueza — pelo contrário, só mantém o indivíduo naquele baixo padrão de vida.

Haveria possibilidade para o pequeno agricultor na Amazônia?

Eu não acredito na agricultura meramente tradicional, de subsistência. A única "vantagem" dessa agricultura de baixa renda é a de esconder a pobreza do Interior do País e diminuir a pressão dos centros urbanos. De forma que eu só acredito no pequeno agricultor se ele trabalhar de forma comunitária, através do cooperativismo, e com certa ajuda do governo. Nas condições atuais, a solução seria começar com grandes empreendimentos, formando-se núcleos em cujas proximidades se assentariam os pequenos agricultores.

A modernização se torna difícil, para o pequeno agricultor.

A cultura de subsistência, a agricultura de produtos alimentícios básicos tem os preços controlados pelo governo; a margem de lucros é pequena e é difícil modernizar, porque modernizar implica investimento. A agricultura tradicional só vai ser modernizada quando a situação econômica do País permitir. E se quisermos fazer uma assistência técnica para esse tipo de agricultura, será uma assistência mais de caráter social do que econômico.

Qual o modelo, então, que o senhor sugere para a ocupação racional e econômica da Amazônia?

A Amazônia tem um potencial fantástico para as culturas perenes, como cacau, borracha, dendê, essas culturas obviamente adaptadas a climas tropicais úmidos. São produtos com potencial imenso no mercado internacional e nós podemos plantar bastante.

Isso significa que o pequeno proprietário dificilmente poderá desenvolver na Amazônia uma agricultura economicamente viável?

Eu repito que é um pouco triste a situação, mas a grande verdade é que no Brasil, como em todo País em vias de desenvolvimento

só se pode modernizar a agricultura através do médio e grande proprietário. O pequeno, tradicional, vai ter que sofrer alguns anos mais.

O senhor conhece as idéias do economista franco-polonês Ignacy Sachs, que viveu no Brasil e defendeu um modelo capaz de privilegiar também o pequeno agricultor?

Eu conheço as idéias dele sobre o ecodesenvolvimento. São muito poéticas. Só isso que eu digo. Esse homem nunca fez agricultura.

Ele afirma ter desenvolvido experiências bem sucedidas na Índia e no...

Conversa. O que existe... Ele cita alguns trabalhos velhos do Congo Belga. Ele trabalha há muito tempo, mas não tem nenhuma comprovação científica. Se vamos fazer agricultura de baixa energia — está em moda agora, esse assunto — temos de provar sua eficiência.

O senhor defende a transformação da Amazônia num latifúndio produtivo?

Numa fase inicial, infelizmente. Eu, honestamente, gostaria de ter uma resposta satisfatória para o pequeno proprietário, mas não conheço essa resposta. Já fui criticado por defender esse ponto de vista, mas não devemos ter a ilusão de que seremos capazes de minorar a pobreza do pequeno num terreno pobre, sem insumos. Isso é fazer milagre.

A colonização da Amazônia seria então quase impossível, nessa linha de raciocínio.

A colonização de novas áreas deve ser feita com o propósito de contribuir para melhorar as condições de vida da população rural. Portanto, devem ser tomadas precauções para evitar o que chamáramos de "falsa colonização", levada a efeito por empresários inescrupulosos, interessados mais em incentivos fiscais e lucros imobiliários do que propriamente no desenvolvimento agrícola do País. Eu defenderia a criação de "pólos agroindustriais de crescimento", dotados de infraestrutura adequada, e com produção principal voltada preferencialmente para o mercado externo.

Esse modelo já foi testado alguma vez?

No caso específico de algumas culturas perenes, como borracha, coco, frutas, pimenta-do-reino, e outras, o modelo mais indicado seria semelhante ao adotado na Malásia pela organização governamental "Federal Land Development Authority — FELDA". Neste modelo, o órgão colonizador forma grandes plantações, nas quais o colono trabalha inicialmente, durante seis anos, digamos, como empregado, ganhando salários e treinamento. Com o início das colheitas, a área plantada é parcelada e dividida entre os colonos, que pagam de volta à organização parte das despesas por ela efetuadas. Essas culturas perenes tardam entre cinco a sete anos para madurar. O modelo se aplica tanto a projetos governamentais como a empresários bem fiscalizados.

Mas parece que até agora a ação governamental fracassou na Amazônia.

Não sei se fracassou completamente. Nas zonas de terras pobres, sim, mas perto de Altamira, onde as terras são férteis, eu não te-

nho a mínima dúvida de que o resultado vai ser altamente satisfatório.

Sim, mas, como a porcentagem de terras mais férteis é pequena na Amazônia, o senhor tem de pensar em esquemas mais diferentes do que este.

Foi o que eu acho; no princípio. Se a Transamazônica tivesse sido planejada de forma a atravessar pólos com maior capacidade de colonização, seria diferente. Eu selecionaria pólos em Rondônia, Altamira, no Xingu, zonas perto de Santarém, Oxiximimã.

O Inpa tem um trabalho em desenvolvimento sobre a criação de uma "floresta de alimentos", ou seja, o cultivo de fruteiras típicas dos trópicos.

É um tipo de agricultura auto-sustentada. Frutapão, pupunha, jaca, é uma beleza, mas infelizmente não dá para convencer ninguém a investir nisso porque não dá suficiente rentabilidade. A tecnologia de alimentos no Brasil está muito atrasada. Eu sempre brinco com meus colegas dizendo que se a mandioca fosse americana todo mundo estaria comendo mandioca beneficiada.

Falar da Amazônia sem falar do Projeto Jari é impossível. Que apreciação o senhor faz desse projeto, nos seus vários aspectos?

Já visitei três vezes Jari. Agronomicamente, não faço nenhuma restrição ao projeto. Eles alcançaram resultados extraordinários com o cultivo de arroz irrigado e com a produção de essências florestais.

E quanto às consequências ecológicas desse projeto?

Eles erraram no início — e reconhecem o erro — por terem mecanizado o uso da terra com tratores muito pesados, um mastodonte de 80 toneladas, que compactava o solo e ali não nascia nada. Hoje, estão adotando o sistema caboclo: derrubam com motosserra e queimam. Não vejo nenhuma alteração ecológica de grande risco. Não vou entrar no mérito da questão do modelo, mas posso dizer que não sei se este é um modelo que se deva recomendar para a Amazônia.

Por quê?

Bem, é um modelo de uma propriedade estrangeira dentro do País, e se ele está funcionando bem agora, pode não funcionar bem com outros proprietários.

O que senhor sugeriria ao novo governo, para os problemas da Amazônia?

Eu gostaria que o governo desse mais força aos órgãos de preservação da natureza, para que eles fossem mais atuantes na criação e preservação de áreas de reserva. E também que os serviços de assistência técnica fossem mais eficientes.

Que conselhos o senhor daria ao Ministro Andreazza, do Interior?

Eu gostaria que ele prestasse atenção à minha idéia de que devemos fazer colonizações dirigidas, como os da Felda, na Malásia. Quanto às áreas já ocupadas de forma imperfeita, como ao longo da Transamazônica, talvez fosse o caso até de abandoná-las. Muitos loteamentos ali não têm viabilidade econômica. Então é melhor deixar essas áreas em descansa, em repouso, até que a situação econômica do País permita ocupá-las de maneira racional.